

Violência doméstica e intergeracionalidade: um estudo com mulheres e homens atendidos na rede pública de Curitiba¹

 <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2367>

Eneida Regina Fabian Holzmann²
Ceneide Maria de Oliveira Cervený³
Maria do Carmo Duarte Freitas⁴

Data de submissão concluída: 17/7/2026. Data de aprovação: 2/10/2026. Data de publicação: 2/10/2026.

Resumo – Esta pesquisa investiga o processo de construção da situação de violência doméstica, entre mulheres e homens, na relação conjugal. Discute a importância de os serviços públicos desenvolverem estratégias de intervenção que possibilitem aos usuários o acolhimento por outras mulheres e homens com experiências similares. Fundamentando-se na teoria sistêmica e construtivista, tem como objetivo geral investigar de que forma a perspectiva familiar e intergeracional contribui para a compreensão e resignificação dessa vivência. Este artigo faz parte da tese que desenvolveu um estudo qualitativo e análise de conteúdo de narrativas construídas com oito ex-casais heterossexuais. Apresenta como instrumento da metodologia a entrevista em grupo, selecionada por facilitar o compartilhamento das experiências, a socialização do conhecimento tácito e a construção coletiva de conhecimento sobre o tema. Nas entrevistas em grupos separados, mulheres e homens expressaram que a reaproximação com a história da família contribuiu para o autoconhecimento, para a reafirmação da sua identidade, do próprio valor e do valor da família, além de possibilitar a abertura para novos significados para a vivência da violência conjugal. Como resultado metodológico, a pesquisa traz a proposta para o resgate da história e das forças da família, para mulheres e homens em situação de violência doméstica, como uma forma possível de intervenção para a rede pública.

Palavras-chave: Construção do conhecimento. Entrevista em grupo. Intergeracionalidade. Perspectiva sistêmica. Violência doméstica.

Domestic violence and intergenerationality: a study of women and men served by the public service network in Curitiba

Abstract – This study examines the process by which domestic violence arises between women and men in marital relationships. It discusses the importance of public

¹ Trabalho decorrente da tese de doutorado de Eneida Regina Fabian Holzmann intitulada “O processo de construção do conhecimento sobre a situação de violência doméstica na perspectiva familiar e intergeracional a partir das narrativas de mulheres e de (ex-)parceiros”.

² Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como colaboradora no grupo de pesquisa Ciência, Informação e Tecnologia da Universidade Federal do Paraná, como voluntária. Curitiba, Paraná, Brasil.  eneida.holzmann@gmail.com 
<https://orcid.org/0000-0003-0028-7120>  <http://lattes.cnpq.br/8607355012542219>.

³ Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Supervisora clínica, autora e organizadora de material sobre Terapia Familiar Sistêmica. São Paulo, São Paulo, Brasil.  ceneidecerveny@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0002-0222-5663> 
<http://lattes.cnpq.br/2033390392365323>.

⁴ Doutora em Engenharia de Produção e Sistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Titular do Departamento de Ciência e Gestão da Informação e dos Programas de Pós-graduação em Gestão da Informação e em Engenharia Civil, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil.  mcf@ufpr.br  <https://orcid.org/0000-0002-7046-6020> 
<http://lattes.cnpq.br/1740734674821323>.

services developing intervention strategies that enable users to be supported by other women and men with similar experiences. Grounded in systemic and constructivist theory, its overall objective is to investigate how the family and intergenerational perspectives contribute to the understanding and reframing of this experience. This article is part of a dissertation that conducted a qualitative study and content analysis of narratives constructed with eight former heterosexual couples. It presents, as a methodological tool, the group interview, selected for facilitating the sharing of experiences, the socialization of tacit knowledge, and the collaborative knowledge construction on the subject. In separate group interviews, women and men expressed that reconnecting with their family history contributed to self-knowledge, the reaffirmation of their identity, their own worth, and the value of the family, in addition to opening them up to new meanings regarding their experience of domestic violence. As a methodological finding, the study proposes the recovery of family history and strengths for women and men experiencing domestic violence as a potential form of intervention for the public network.

Keywords: Domestic violence. Group interview. Intergenerationality. Knowledge construction. Systemic perspective.

Violencia doméstica e intergeneracionalidad: un estudio con mujeres y hombres atendidos en la red pública de Curitiba

Resumen – Esta investigación estudia el proceso de construcción de situaciones de violencia doméstica, entre hombres y mujeres, en la relación matrimonial. Analiza la importancia de que los servicios públicos desarrollen estrategias de intervención que les ofrezcan a los usuarios el apoyo de otros hombres y mujeres con experiencias similares. Sobre la base de la teoría sistémica y constructivista, el objetivo general es investigar cómo la perspectiva familiar e intergeneracional contribuye para la comprensión y resignificación de esa experiencia. Este artículo proviene de una tesis que desarrolló un estudio cualitativo y un análisis de contenido de narrativas construidas por ocho parejas heterosexuales. Presenta, como instrumento metodológico, la entrevista en grupo, seleccionada por facilitar el intercambio de experiencias, la socialización del conocimiento tácito y la construcción colectiva del conocimiento acerca del tema. En las entrevistas grupales separadas, mujeres y hombres expresaron que la reaproximación con su historia familiar contribuyó para su autoconocimiento, para la reafirmación de su identidad, de su valía personal y la de su familia, además de permitir una apertura hacia nuevos significados de la violencia doméstica. Como resultado metodológico, la investigación propone el rescate de la historia y de las fortalezas de la familia, para hombres y mujeres en situación de violencia doméstica, como forma posible de intervención para el sistema público.

Palabras clave: Construcción del conocimiento. Entrevista grupal. Intergeneracionalidad. Perspectiva sistémica. Violencia doméstica.

Introdução

O *Atlas da Violência 2025* qualifica a violência contra a mulher no Brasil como um fenômeno estrutural e persistente e, no caso das vítimas de violência doméstica, mostra um aumento de 22,7%, com 177.086 casos em 2023 (Ipea, 2025), corroborando a pesquisa anterior (Ipea, 2024). O documento indica que as mulheres continuam expostas a diferentes formas de violência, com 81,3% do total acontecendo dentro da própria casa. O Atlas enfatiza a necessidade de implantação de estratégias

não só de proteção, mas de atendimento para essas mulheres na rede de saúde pública (Ipea, 2025). Em âmbito internacional, a chefe da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, sobre o aumento das agressões a partir da Covid-19, avaliou a situação desde 2021 como uma “pandemia paralela” (Organização das Nações Unidas, 2021).

A Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/2006, sancionada pela Presidência da República em 7 de agosto de 2006, no seu artigo 5º configura como violência doméstica e familiar contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero, que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006, p. 16). Na prática, a lei impõe a integração operacional do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública com as áreas de segurança pública, assistência social, saúde e educação, trabalho e habitação. Essa integração cria a necessidade da articulação de práticas e de saberes para o atendimento de qualidade a uma demanda cada vez mais alta, como confirmado a partir de relatórios oficiais por Da Silva, Pires e Dos Santos Freitas (2026).

Nesse sentido, a pesquisa com mulheres em situação de violência doméstica e com os seus (ex-)parceiros, realizada no Centro de Referência e Atendimento à Mulher em Situação de Violência de Curitiba/PR e Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, aproxima os atendimentos de saúde e jurídicos na rede pública, e pode embasar estratégias de intervenção.

O paradigma sistêmico orienta a pesquisa, incluindo Watzlawick, Beavin e Jackson (1973), para quem a pessoa ganha consciência de si mesma ao se comunicar. Koestler (1981) fala da tendência autoafirmativa, relacionada ao sentimento de ser, e da tendência integrativa, relacionada ao sentimento de pertencer a um sistema maior. Maturana e Varela (2001), alinhados com esse paradigma, enfatizando o processo de socialização, salientam a necessidade da convivência constituída da aceitação mútua. No mesmo sentido, Vasconcellos (2002, 2010), sobre a tarefa do pesquisador sistêmico, valoriza a busca de soluções com base na intersubjetividade de sujeitos.

Soma-se a visão de Capra (1998, 2022), que destaca o pensar com base nas relações, nos padrões e no contexto, ressaltando o princípio da interdependência de todos os fenômenos. Na mesma linha, Morin (2011, 2023) traz a necessidade de estudar o objeto dentro do contexto, enfatizando a inseparabilidade entre o sistema e o meio ambiente, entre a personalidade e a cultura. Este estudo valoriza ainda, dentro do mesmo paradigma, as ideias de Paulo Freire (1980), que fala do desenvolvimento do pensamento crítico a partir da conscientização pelo homem da sua história e do seu contexto social. Apoiada na metodologia de Freire, a pesquisa realizada por Durand *et al.* (2021) propicia um espaço de interação para as mulheres em situação de violência doméstica dentro da Estratégia Saúde da Família, do Sistema Único de Saúde (SUS), com evidência de fortalecimento do vínculo das participantes com a instituição.

A perspectiva familiar e intergeracional amplia o olhar para o desenvolvimento emocional dos elementos da família de origem, pai e mãe, e as condições para a geração seguinte lidar com as próprias emoções, segundo Cerveny (2011a, 2011b, 2014, 2024) e Trombetta *et al.* (2024). Osborne, Munasinghe e Page (2025) reforçam a necessidade da análise da relação entre pai e filho(a), mãe e filho(a) para a compreensão do fenômeno da violência conjugal.

Na realidade brasileira, Razera *et al.* (2021, 2022a, 2022b) relacionam a violência na família de origem com a violência conjugal. Chaves Lemos, Falcke e Oliveira (2023), incluindo fatores sociodemográficos, evidenciam a relação da baixa

escolaridade com a resolução disfuncional de conflitos. Esses estudos, incluindo Haack, Comandulli e Falcke (2023), têm como ponto em comum a associação da violência experienciada na família de origem com a violência na conjugalidade e alertam para a necessidade de intervenções precoces.

Nesse mesmo sentido, Andrade, Moraes e Martins (2023) encontram associação da violência vivenciada no namoro não somente com a conjugalidade violenta dos pais, mas com a vivência anterior de conflitos na relação entre pais e filhos. Do mesmo modo, o estudo desenvolvido na rede pública de educação no interior da Bahia por Pedroso *et al.* (2026) identifica a relação entre a exposição à violência familiar e maiores índices de ansiedade nos adolescentes. Veríssimo *et al.* (2022) reforçam a importância de olhar para o contexto sociocultural, além de considerar o ambiente familiar do adolescente. Sobre o fenômeno da separação e suas implicações psicológicas, a revisão narrativa de literatura realizada por Carmo *et al.* (2022) reúne estudos que mostram efeitos negativos, tais como depressão, angústia, tristeza e estresse, mais frequentemente encontrados em mulheres.

A intergeracionalidade, segundo Cervený (2014), refere-se à herança de conhecimentos construídos pelas gerações anteriores, abrangendo padrões de comportamento e de resposta frente às crises, e pode facilitar o entendimento sobre as questões de gênero ao longo do tempo e permitir a aproximação ao contexto sócio-histórico, questões centrais nos estudos de Hirigoyen (2012, 2020) e, ainda, de Fanslow *et al.* (2023), que consideram a assimetria de gênero como base comum da violência íntima do casal.

Este estudo parte de premissa de que há uma relação entre a história familiar e intergeracional e o processo de construção da situação de violência doméstica. Para oportunizar aos participantes a ampliação do entendimento da situação de violência na conjugalidade, busca formas de intervenção que privilegiem a reflexão e o acolhimento por outras mulheres e/ou homens com experiências similares, dentro da rede pública de atenção.

Com fundamento na teoria sistêmica e construtivista, a pesquisa tem como objetivo geral investigar de que forma a perspectiva familiar e intergeracional contribui para a compreensão e ressignificação dessa experiência. Este artigo é decorrente da tese que desenvolveu um estudo qualitativo e análise de conteúdo de narrativas construídas com oito ex-casais heterossexuais (Holzmann, 2018). Apresenta o terceiro instrumento da metodologia, a entrevista em grupo, pelo seu potencial para facilitar o compartilhamento das experiências, a socialização do conhecimento tácito e a construção coletiva de conhecimento sobre o tema. O projeto foi aprovado pelo Parecer nº 1.842.770, do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 29 de novembro de 2016.

Materiais e métodos

A visão sistêmica da vida embasa a metodologia desta pesquisa qualitativa, com abordagem interpretativa. A abordagem sistêmica, no entender de Capra, amplia o olhar e a postura para o contexto e a multiplicidade de causas e efeitos: tudo está ligado a tudo. Além disso, oportuniza a crença de que os sistemas envolvidos no fenômeno possuem a capacidade de se autoavaliar e auto-organizar (Capra, 1998). A visão de homem e de mundo de Paulo Freire inspira a criação dessa metodologia. Freire (1980) afirma a capacidade criadora e crítica do ser humano, que, como sujeito histórico, cultural e possuidor de sabedoria, faz e refaz o mundo por meio da sua ação, que é interação, comunicação e diálogo.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca interpretar os fenômenos em termos dos significados que os participantes atribuem a eles. Os autores veem o pesquisador como um “bricoleur interpretativo”, que entende a pesquisa como “um processo interativo, influenciado pela história pessoal, pelo gênero, pela classe social, pela raça, pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 20).

Vasconcellos (2002) afirma que “todo cientista sistêmico é construtivista, buscando construir o conhecimento apoiado no pressuposto epistemológico da intersubjetividade ou da objetividade em parênteses” (Vasconcellos, 2002, p. 176). De acordo com Guerra *et al.* (2024), a pesquisa qualitativa busca a compreensão contextualizada do fenômeno, a valorização da subjetividade, a diversidade de perspectivas, podendo atender a demandas sociais importantes e construir um conhecimento mais profundo da realidade.

Esta investigação se apoia na via narrativa, na construção de narrativas com mulheres e seus (ex-)parceiros que vivenciaram a situação de violência doméstica. Para Creswell (2014), a abordagem narrativa tem como foco re-historiar as experiências de vida pessoais, sociais e interacionais, para “interpretar o significado mais amplo da história” (Creswell, 2014, p. 155).

Participaram da pesquisa oito ex-casais heterossexuais que vivenciaram situação de violência doméstica, incluindo:

- 1) quatro mulheres cadastradas no Centro de Referência e Atendimento à Mulher em Situação de Violência Doméstica-PR e seus (ex-)parceiros, homens autores de violência doméstica, oriundos da cidade de Curitiba;

- 2) quatro homens autores de violência contra a mulher participantes dos grupos reflexivos do Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, do Tribunal de Justiça do Paraná, e as suas (ex-)parceiras.

Desse modo, do conjunto de participantes, metade teve o início das entrevistas com as mulheres no Centro de Referência, com o convite posterior para os seus (ex-)parceiros. A outra metade teve o início do processo de entrevistas com os homens no Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, com o aceite posterior das (ex-)parceiras para participarem da pesquisa.

A idade das mulheres varia entre 26 e 46 anos, sendo a idade média de 39 anos. As profissões incluem atividades como professora, artesã, projetista, decoradora, doceira, confeccionista de roupas, empresária. Uma das entrevistadas, quando perguntada sobre a profissão, declarou nível superior, sem especificar a área. A idade dos homens varia entre 30 e 52 anos, sendo a idade média de 41 anos. As profissões incluem as áreas de comércio, informática, atividade como motorista, agente de compras, almoxarifado, confeccionista de roupas e trabalho em ONG. Um dos entrevistados, quando perguntado sobre a profissão, declarou nível superior, sem especificar a área. Os ex-casais viveram juntos de 6 meses a 30 anos, com a média de 10 anos de tempo de relacionamento.

Os oito ex-casais heterossexuais participantes tiveram como critério exclusivo de inclusão o fato de estarem vinculados à rede pública de atenção à violência contra a mulher em Curitiba, no Paraná, em um processo de cinco entrevistas com cada participante, individuais e de grupo. Não consultei prontuários de atendimento ou boletins de ocorrência. Reforço ainda que mulheres e homens aceitaram participar da pesquisa conscientes de que isso não afetaria o processo jurídico em andamento no Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, do Tribunal de Justiça do Paraná. As(os) participantes tiveram assegurado o encaminhamento imediato para o atendimento psicológico nos mesmos locais da pesquisa, sem ônus.

Na apresentação das narrativas, a letra M designa a mulher e a letra H designa o homem. Os ex-casais receberam numeração de 1 a 8, por isso, na análise, M1 + H1 formam o ex-casal 1, e assim por diante.

A metodologia da tese (Holzmann, 2018) empregou três instrumentos: a entrevista individual, o genograma construtivista e a entrevista em grupo. Com relação ao primeiro deles, foi privilegiada a entrevista individual em profundidade, na qual “a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período mais longo, do que em fazer perguntas dentro de um período relativamente limitado” (Bauer; Gaskell, 2014, p. 64).

O segundo instrumento selecionado, o genograma construtivista, aplica-se à pesquisa qualitativa, segundo Cervený (2014), como um instrumento de representação gráfica multigeracional da família, que abrange relações e interações familiares, com o intuito de facilitar a reflexão sobre os modelos transmitidos pelas famílias de origem, ligados, neste estudo, ao contexto da violência doméstica.

A autora propôs aos participantes a construção de um duplo genograma, que abrange tanto a percepção da(o) entrevistada(o) sobre a sua história familiar e intergeracional quanto a percepção da(o) entrevistada(o) sobre a família de seu (ex-)parceiro. Numa única cartolina, as histórias de família dividem o espaço, o que permite a visualização de padrões interacionais comuns entre as famílias. O duplo genograma inclui, ainda, adversidades sofridas pelas famílias e forças mobilizadoras para o resgate da identidade, facilitadoras para a saída da situação de violência, segundo a experiência individual.

Para o atendimento aos objetivos desta investigação, foi realizada a análise de conteúdo, a partir das narrativas, relacionadas à percepção de mulheres e de seus (ex-)parceiros, sobre a situação de violência doméstica e experiências familiares envolvidas. Para Bardin (2010), uma análise temática consiste em “descobrir os núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2010, p. 131). Sobre a análise de conteúdo, Bardin ressalta: “É certo que o gênero de resultados obtidos não pode ser tomado como prova inelutável. Estou ciente, mas constitui, apesar de tudo, uma ilustração que permite corroborar, pelo menos parcialmente, com os pressupostos em causa” (Bardin, 2010, p. 77). Também para Bauer e Gaskell (2014), “a análise de conteúdo é construção social. Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o *corpus* do texto, e ela deve ser julgada pelo seu resultado” (Bauer; Gaskell, 2014, p. 203).

A análise de conteúdo permitiu a descoberta e a interconexão de temas, a partir das narrativas dos participantes, facilitando a compreensão sobre o problema. As categorias se referem à percepção de mulheres e de seus (ex-)parceiros: I) sobre a situação de violência doméstica experienciada na relação conjugal (incluindo como subcategorias o tipo da violência, a percepção de si e do outro e percepção da relação; II) sobre experiências familiares/intergeracionais envolvidas na situação de violência doméstica (incluindo a percepção de repetições de padrões interacionais, a percepção sobre diferenças na maternidade e paternidade, e a percepção sobre violência nas diferentes gerações; III) sobre as experiências familiares/intergeracionais como forças mobilizadoras para o resgate da identidade e a saída da situação de violência doméstica (incluindo adversidades e recursos, heranças familiares e socioculturais, a percepção de si e a espiritualidade).

As etapas para a construção de narrativas duraram 9 meses, de dezembro de 2016 até agosto de 2017, totalizando 60 entrevistas individuais, numa média de três

entrevistas individuais por participante – de dez ex-casais iniciais, somente oito ex-casais concluíram a construção do duplo genograma.

Este artigo apresenta o terceiro instrumento da metodologia da tese, a entrevista em grupo, realizada no final do processo de pesquisa no Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, nos meses de junho e agosto de 2017: foram duas entrevistas com o grupo de mulheres e duas entrevistas com o grupo de homens participantes.

Sobre a importância desse instrumento de produção de conhecimento, Bauer e Gaskell (2014) observam:

Quando nós lidamos com sentidos e sentimentos sobre o mundo e sobre os acontecimentos, existem diferentes realidades possíveis, dependendo da situação e da natureza da interação. Desse modo, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidades. (Bauer; Gaskell, 2014, p. 73-74).

Tal qual ocorre na entrevista individual em profundidade, as perguntas funcionam como uma abertura para que os entrevistados expressem as suas ideias e sentimentos para o grupo, com espaço para cada um falar da sua realidade e para trocar experiências. Bauer e Gaskell (2014) usam a denominação de *tópicos guia* por reconhecer sua função na orientação do pesquisador. As entrevistas em grupo tiveram os seguintes tópicos guia:

- 1- apresentação da(do) participante, com nome, trabalho que realiza e (quando possível) a relação desse trabalho com a história da família;
- 2- solicitação para a(o) entrevistada(o) de três palavras relacionadas com a motivação para a separação, na sua percepção;
- 3- de que forma a perspectiva familiar e intergeracional contribui para a compreensão da vivência da situação de violência doméstica;
- 4- o que a vivência da situação de violência não tirou da(do) participante.

Nesta investigação, valorizam-se as perguntas interventivas circulares (reflexivas), que visam influenciar o processo de mudança no grupo, “no qual o sistema é convidado a explorar novos pontos de vista, em vez de ser forçado em direção a eles” (Vasconcellos, 2010, p. 205). Nessa perspectiva, o pesquisador é criador e participante de um contexto mobilizador dos recursos do próprio sistema.

A entrevista em grupo foi selecionada pelo seu potencial para facilitar o compartilhamento das experiências após o duplo genograma ter sido concluído nas entrevistas individuais e para promover a construção coletiva de conhecimento sobre o tema. A expectativa é que os resultados representem uma ampliação nas formas de ver o problema e embasem a criação de estratégias de intervenção a partir da dimensão social.

A Resolução nº 0466/12, do Ministério da Saúde, serviu de apoio para a realização da pesquisa ao assegurar os aspectos éticos relacionados aos participantes e à instituição envolvida. A aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo se deu pelo Parecer nº 1.842.770, de 29 de novembro de 2016. Na sequência, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e discussões

A entrevista em grupo apresenta o conhecimento sobre a situação de violência doméstica construído no contexto relacional. Como terceiro instrumento metodológico, foi realizada no final do processo de pesquisa, pelo seu potencial para

a expressão e socialização do conhecimento tácito. Dentro da visão sistêmica, o pesquisador, segundo Morin (2014), “esforça-se por obter a visão poliocular ou poliscópica, em que, por exemplo, as dimensões físicas, espirituais, culturais, sociológicas, históricas daquilo que é humano deixem de ser incomunicáveis” (Morin, 2014, p. 30). Assim como Freire (1980), Morin (2014) insiste na construção de um conhecimento que possa servir à reflexão a partir do saber de cada um, da sua experiência de vida.

As narrativas construídas em grupo de mulheres e grupo de homens foram apresentadas na tese (Holzmann, 2018) após a conclusão da análise de conteúdo, em um espaço livre, como uma abertura do olhar para o processo, colocando o foco nas relações e na construção coletiva de conhecimento. Fundamentada em Aun, Vasconcellos e Coelho (Vasconcellos, 2010), valorizo como tarefa principal do pesquisador a criação de um contexto conversacional de autonomia, de espaços de ações consensuais para a construção de um conhecimento que, por sua vez, não poderá mais ser dividido, ou atribuído a uma única ou a um único participante e/ou pesquisador(a), pois diz de todos.

Reuní em um texto único a seleção de narrativas obtidas a partir das entrevistas em grupo de mulheres e grupo de homens, não pela sequência natural, como aconteceram, mas respeitando a ordem numérica atribuída aos participantes. Os tópicos guia foram propostos como facilitadores para abrir a troca de experiências, tendo sido os mesmos nas duas entrevistas para cada grupo, iniciando com a apresentação da(do) participante – o nome, a família atual, o trabalho e a relação desse trabalho com a história da família. Em seguida, as narrativas dão conta dos motivos da separação, na percepção dos participantes. Para responder à pergunta da pesquisa, mulheres e homens expressam de que forma a perspectiva familiar e intergeracional contribui na compreensão da vivência da situação de violência doméstica. Por fim, a reflexão em grupo traz narrativas sobre o que a situação de violência não tirou da(do) participante.

As mulheres falaram de si, dos filhos e do próprio trabalho, bem como da relação dele com a história do casal e da família:

M1: Eu sou de educação infantil, [...] aqui mesmo da prefeitura. Eu tenho dois filhos, um é o O., que tem dezoito anos e o I., que tem nove [...]. Se eu tive alguém pra que eu me espelhasse, né? Que é uma coisa da família pra família, não. É uma coisa que começou comigo, mesmo.

M2: O meu trabalho é basicamente tudo que venha com trabalhos manuais, artesanato, tudo com artes. E é de família. [...] Bordado com pedraria. [...] Trabalhos com feltro, com tecido, costuro, também.

M3: Eu estou bem que agora eu consegui um emprego. [...] é uma empresa que faz TI e logística para multinacionais. [...] Mudou bastante. É a minha área de trabalho, eu tô feliz por isso, então pra mim é mais uma realização. [...] porque eu já consigo pagar as minhas contas [...]. Eu faço jardim com o meu pai no final de semana.

M4: O meu nome é M4, eu tenho cinquenta e seis anos, tenho um filho com vinte e nove anos. [...]. Eu fui administradora de obras, fui decoradora, exerço várias profissões desde a minha separação, que sempre tive vários talentos, né? [...] Nossa família toda é assim. Da mãe, vem de luta. Esse talento que a família tem de conseguir fazer várias coisas é de família, já. Todo mundo faz um pouco de cada.

M7: Meu nome é M7, eu mexo com confecção de roupas, eu tenho duas filhas, uma com vinte e dois anos, a R. e uma com dezenove, a A. [...] eu aprendi com ele (ex-parceiro). Por isso, até hoje ele taca na minha cara que se eu tenho alguma coisa é por causa dele, se eu sei alguma coisa é por causa dele.

Os homens se apresentaram, também falaram dos filhos e do trabalho, assim como da relação entre esse trabalho e a história da família de origem:

H3: eu trabalho de motorista de ônibus e três meninas e um piá. [...] Eu pensei, eu imaginei eu sendo motorista de ônibus.

H4: é... 52 anos, fiz ensino médio no CEFET, fiz mecânica lá no CEFET, não fiz engenharia, fui pra área de direito, mas não gostei, acabei trancando e não levei a vida acadêmica pra frente. Tenho um filho de vinte e oito anos e trabalho com importação e exportação. [...] Eu acho que tem muita ligação porque eu sempre admirei essa coisa da família ter vindo do exterior tentando uma vida no Brasil e assim, a família a italiana falando lá das coisas deles da Itália.

H6: O meu nome é H6. Tenho três filhos, um de dez, um de três, quatro, e um de três. [...] Eu sou almoxarifado, trabalho no almoxarifado. Sim, a minha família é toda de... [...] desde o mais velho até o mais novo, só que o único que não herdou o gosto pra... pela profissão fui eu. [...] Reforma, sofá, mais móveis. [...] É, eu já não gostei, né... igual uma parte que eu não gostei da profissão, né? Que eu sou muito detalhista e o tapeceiro, ele não pode ser detalhista.

H8: O meu nome é H8, trinta e nove anos, fui casado, tive com dois relacionamentos, um de casado e um não, seis filhos. [...] sou acadêmico de direito, né? Eu acho que determinação do pai com o diálogo e a política da mãe. [...] Se ele não conseguia, buscava um recurso pra aprender, pra fazer. E a mamãe criava diálogos, angariava pessoas, que dividia tarefas e isso tem muito a ver com o direito. Que mesmo com... eu audiência, a pauta da audiência, você vai ser acusado, nós vamos ser acusado, mas vamos ter o direito de nos defender.

As apresentações trouxeram, além do nome, os filhos como parte da identidade. Watzlawick, Beavin e Jackson (1973) explicam que, na comunicação, as pessoas ganham consciência sobre si mesmas. Mais: a confirmação do outro reforça a autoimagem da pessoa que fala, a sua autoestima, a sua identidade. A relação do trabalho com a história da família permitiu ampliar a comunicação e facilitou a vinculação com o grupo. Tanto no grupo de mulheres quanto no de homens observei a atenção e o respeito com o outro, em um espaço de acolhimento, de escuta mútua.

As narrativas sobre os motivos da separação enfatizam, além de processos interacionais, ideias, valores e sentimentos, em uma riqueza de experiências.

Assim se expressaram as mulheres a respeito dos motivos a que elas atribuem a separação:

M1: E eu porque eu cheguei num momento culminante que ele queria me matar. Eu tinha medo de ficar sozinha, no começo eu tinha. [...] Mas eu ainda tenho isso, sabe? Essa coisa de se eu tô num relacionamento e penso que o relacionamento vai acabar e que eu vou estar só parece que eu estou abandonada num local escuro fechado, sabe?

M2: Cansei de todas as ações que ele fazia, né? Antes disso a agressão era verbal, psicológica, de humilhações. E aí ele me traía virtualmente, bebia muito, então quando eu falei eu não aguento mais isso, foi o meu limite assim, a palavra seria limite. [...] Eu acho que naquele momento foi de que eu tinha que achar o meu amor-próprio...

M4: Quando eu deixei de me voltar pra pessoa e me voltar pra mim. É, eu resolvi que tinha que ter zelo por mim. [...] Solidão, né? Me senti muito sozinha, vi que eu sempre fui sozinha. Que eu só tinha valor porque eu me doava de todas as formas. Então eu me doei profissionalmente a vida inteira porque era cavalo, né? Trabalhava, ele era o ser pensante.

M7: Eu fui trocada por outra. [...] Que ele me abandonou, né? Eu amava independente do que ele fazia, dos maltrato, de xingação, eu era ele, entendeu? Eu saía de casa, os outro falava que eu era chifruda. Dentro de casa eu não escutava ninguém... e eu achava que não tinha vida depois dele porque eu sou

muito difícil de relacionamento [...]. Então por que que pra ele era tudo maravilhoso? Porque quem trabalhava era eu, ele só pensava, quem executava era eu.

Na sequência, apresento as reflexões dos homens sobre os motivos para a separação:

H1: E logo que eu recém me separei...Ah. Pra mim foi bem triste por causa eu não sei. [...] porque num casamento tem várias formas de fazer dar certo, só que, quando só uma pessoa tenta sozinha e a outra pessoa está com outra intenção e só você não sabe, se você não conhece a mente. [...] É muitas armadilhas, eu fui uma pessoa evangélica, a Bíblia fala cuidado para não cair nas estultas, ciladas, no maligno. [...] às vezes você pega o cara tá mal, acabou de separar da mulher que ele gosta, o cara chega e dá uma tonelada, é questão de uma briga, talvez uma morte, porque o álcool já tá na cabeça dele e acaba fazendo essas cagadas.

H3: [...] Pra mim, no meu caso, eu acho que ela tinha uma vida muito conjunta com a família dela, né? Não tinha assim, como eu posso dizer, um convívio comigo, mesmo. E as crianças. Tinha mais convívio com a família dela, então eu era, por exemplo, assim, eu era um terceiro, no caso. Aí nisso foi que pegou o que aconteceu, né? [...] É, eu me senti assim, que era eu sozinho e acabou. Tando ali, não tando, nada importa.

H4: Eu fui usado, usado até que eu cheguei uma hora e dei um basta. [...] É muito difícil uma pessoa que começou uma relação, principalmente na juventude, e que avançou bastante e ela vê que nada daquilo valeu [...]. Toda aquela dedicação, aquele empenho pra fazer dar certo, de nada valeu, tudo virou em meia dúzia de cacareco.

H6: Não precisa três (palavras), é uma só. Eu me separei só pelo álcool. [...] É, meu. [...] Depois de sete meses a minha meta de recuperação foi conquistar ela. E eu já reconquistei ela. [...] Eu acho que já tá. [...] Eu fiquei internado quatro meses. [...] Ah, sei lá, eu acho que a palavra era inevitável, ia acontecer. [...] Eu fui (para tratamento) pelo amor, mesmo.

Koestler (1981), ao estudar o desenvolvimento humano, descreve as tendências autoafirmativas, que se revelam na busca do sentimento de ser, enquanto pessoa única, singular, em um movimento de autonomia, e as tendências integrativas, que refletem a necessidade de alimentar o sentimento de pertencer. O grupo de mulheres e o grupo de homens traduziram-se em um espaço de pertencimento, que possibilitou não só a expressão da individualidade, mas também a valorização das pessoas e de suas experiências.

Maturana e Varela (2001) concebem o amor como a “aceitação do outro junto a nós na convivência, [e esse] é o fundamento biológico do fenômeno social”. Os autores acrescentam que, “sem o amor, sem a aceitação do outro junto a nós, não há a socialização” (Maturana; Varela, 2001, p. 269). Cada narrativa parece ter facilitado a próxima, com mulheres e homens falando sobre o momento crítico da separação, expressando seus pontos de vista, refletindo sobre a sua história pessoal e familiar, e recebendo a atenção e a consideração do grupo.

No encontro com iguais – do isolamento trazido pela vivência da violência para a experiência de pertencimento – se dá a abertura para o processo de construção do conhecimento. Nas palavras de Maturana e Varela (2001), “só temos o mundo que criamos com os outros, e [...] só o amor nos permite criar um mundo em comum com eles” (Maturana; Varela, 2001, p. 269).

De modo a responder à pergunta de pesquisa sobre a contribuição da perspectiva familiar e intergeracional para a compreensão e ressignificação da

vivência de violência doméstica, mulheres e homens construíram narrativas. Assim se expressaram as mulheres:

M1: Eu fui sempre muito só. Mas foi bom ver no mapa e entender melhor como tudo isso se deu, né? Foi através do conhecimento de como eram os meus pais, como eram os pais dos meus pais e as suas características, através dessas características que eu, como eu fui criada, e como eu fui criada foi a partir disso que eu escolhi o parceiro de uma forma errada. [...] A gente foi criado de uma forma de violência, a minha violência era velada, eu não era percebida pelos meus pais. Então eu fazia de tudo para ser percebida pelos meus pais. A minha mãe ela é uma pessoa que ela manipula demais. Então eu cresci assim. Como eu só conhecia o jeito dela, eu fazia do jeito dela. Então eu sofri muito com isso, sabe. Eu aceitava. [...] Então eu comecei a ver algumas coisas no mundo e tal, mas eu era tão submissa, entendeu? Que eu não conseguia enfrentar a minha mãe. E eu não me reconhecia muito como pessoa, então eu era o que a minha mãe mandava eu ser. Então a minha vida mudou demais. Então assim, como eu sofri muito na mão do H1, porque eu sofri violência física e muita violência psicológica. Por isso eu digo que o H1 foi uma rampa para a minha libertação. Se não fosse o H1, eu não ia ter tido o meu apoio psicológico. [...] e eu fui percebendo ainda mais a minha família como um todo, né? Que é a minha vida, né? Porque até então eu só tinha aquele cabresto que eu não enxergava nada. Então eu fui enxergar a minha vida, fui ter a minha libertação e eu me libertei.

M2: Pra mim mexeu bastante. Principalmente o fato do meu pai. Eu consegui perceber indiretamente o cuidado dele comigo. Que eu só vim a perceber depois que ele se foi, que fazem cinco meses. É que na verdade ele era muito sensível, como eu. Mas ele não se deixava transparecer. Ele guardava pra ele. E ele fez todo o possível pra que eu tivesse uma vida profissional. Não me incentivou nos estudos, mas cursos, trabalhar, ele sempre incentivava. Quando houve a separação, no primeiro momento ele não acreditou em mim pelo mesmo fato de que o meu ex-marido era bom. Então o genograma ajudou até mesmo pra eu me libertar da minha família porque todos os irmãos também foram contra. Só quem tava do meu lado eram os meus filhos, que viram tudo acontecendo. [...] Eu não aprendi a me valorizar. Amor-próprio, eu não fui ensinada isso. Então aquilo que eu não tive na minha casa eu continuei nos relacionamentos. Eu tive um casamento e um namoro depois que era igualzinho. Eles não me valorizavam. Mas porque a gente não se valoriza e a gente procura alguém que faça isso. Ele não vai saber fazer isso. O outro não vai fazer isso. [...] O outro não vai saber fazer aquilo por você, é você que tem que saber fazer.

M3: Alguns familiares, valores, não que tavam adormecidos, mas que tavam lá, mas que não eram lembrados. Aquele negócio da mesa farta, todo mundo junto. Até enquanto os meus avós tavam lá. Depois a família se dispersou. Pra lembrar que teve um momento da família que era bom e depois pode voltar. [...] Minha mãe cansava de falar: seja cúmplice do seu marido, seja amiga, sempre falava, mas ela não fazia. Minha mãe jamais demonstrava carinho por ele (pai). [...] Quando eu falei para os meus pais que eu estava grávida, sentados na sala com o H3, a minha mãe quis me botar pra fora de casa. Aí ela falou, agora vocês vão ter que casar. Eu não queria casar, a minha mãe que obrigou o H3 a casar comigo. [...] Nunca (sobre apoio recebido da mãe).

M4: Sabe, não gostei do que eu vi. Eu vi assim que na nossa família a história se repete muito. Porque a minha família e a família do meu ex-marido são as mesmas. Nós somos primos-irmãos. [...] Que é repetida de geração em geração [...] Elas fazia as coisas inferiores profissionalmente, se é que pode dizer inferiores, não, mas sem situação profissional, e hoje uma coisa boa eu vi. Que, apesar de toda a submissão também, que a vó tinha diante do vô, a minha mãe diante dos maridos, sempre trabalho braçal... o meu inconsciente educou meu filho diferente.

M5: Acho que tem muita coisa que... que eu não... não analisei assim. Saber mais de gente. [...] É. É descoberta da onde vem, né?

M6: [...] Porque a minha mãe... a gente nunca... enfim, nunca conseguimos, sabe? Dialogar [...] A minha tia, que me contava como era o casamento da minha

bisavó, como que era o casamento da minha avó e daí eu via que era assim tudo se repetindo, se repetindo, então assim, é coisa que não é meu casamento e dele, é o meu pai e a minha mãe, a minha vó e o meu vô, a minha bisavó e o meu bisavô [...] Era tudo igual, assim. [...] É, porque daí a gente começa... Eu comecei a me perguntar, né, por que que acontecia isso. [...] É, tipo assim, a gente sabe que não é maldição, né? Então assim hoje eu vejo, a minha família tem muito alcoolismo. A minha família tem muita traição. Tem abandono. E isso tudo é como se fosse hereditário, mas cada dia tem que fazer uma escolha. [...] Eu não quero isso. Nem pra mim, nem pros meus filhos.

M7: Eu adorei, sabe, rever tudo aquela, os meus tios, do violão, das música. Ah, eu adorei fazer aquilo lá, eu vi que agora eu tô voltando o que realmente, talvez, eu gostava quando eu era criança, né? Adolesce... criancinha, né? Agora tô voltando a gostar de coisa que eu deixei tudo abandonada lá por causa de um casamento. [...] O meu casamento, igual eu falei, existe vida após. Existe. Que eu tava dedicada só a aquilo ali. Nem às filhas, eu vou ser bem sincera pra vocês. [...] A minha mãe é distante, faz uns cinco anos que ela se transformou. Ela (mãe) liga pra mim à noite e pergunta como é que eu tô, amorosa.

As narrativas construídas nas entrevistas em grupo confirmam o valor da pesquisa com foco na intergeracionalidade. Reconstituir o passado, de até três gerações, segundo Cerveny (2024), permite reconhecer as heranças da família de origem que orientam o modo como o indivíduo enfrenta as suas crises e refletir sobre a manutenção ou mudança de padrões interacionais aprendidos. De acordo com a autora,

assumir o paradigma da intergeracionalidade é acreditar que a nossa história intergeracional é construída com os nossos outros, com a nossa herança biopsicossociocultural, embora essa história possa ser sempre reescrita e retransmitida aos descendentes de outra maneira. (Cerveny, 2011b, p. 19).

Nas entrevistas em grupo, os homens refletiram sobre a contribuição da perspectiva familiar e intergeracional:

H3: É, no meu caso eu tive que crescer praticamente sozinho, entendeu? Não tinha ninguém assim, meu pai era chacreiro, a minha mãe era do lar, eu passei a minha vida sozinho, então eu tive que correr atrás disso, entendeu? Não tinha ninguém pra esperar aqui e lá, então tinha que crescer sozinho... [...] Isso tá lá no mapa (genograma), né? [...] Assumir as responsabilidades sozinho, sem ninguém falar pra mim, ó, vai ter que fazer isso, fazer aquilo. Eu tive que pegar e encarar a situação. [...] era só eu e Deus e vamo lá.

H4: Eu vejo um padrão como um amigo meu falou. Você é um resultado, é um aprendizado, um resultado da tua história. Se a tua família, é... a minha família teve uma história que eu me identifiquei, que eu sigo o padrão, né? Do meu avô, o meu vô era empresário, o meu pai era empresário e eu também sou empresário. Então, se eu tivesse uma pessoa que chegasse aqui pra mim e não deixasse eu ser o que eu quero ou ela querer modificar a situação, eu não aceitaria porque eu tô fugindo do meu padrão. [...] E a minha esposa tinha um padrão do lado da família dela. Apesar de nós sermos primos. Mas nós tínhamos padrões, os dois seguiam padrões. [...]

H5: Esse tipo de análise de família, eu já fiz. [...] É porque essa parte espiritual, né? Que a gente fala espírito, ela (análise) procura muito isso, né? A gente vê o que aconteceu, como é a família pra gente tentar se entender, né?

H6: Tipo como eu falei aquele desenhinho (duplo genograma), lá. É um macaquinho transformando num homem [...]. Violência [...] Tinha um uso de álcool muito... [...] E uma violência muito grande, né? Tanto da minha família quanto da família dela. [...] Isso quer dizer, daqui mais pra frente, nossos filhos e os filhos dos nossos filhos... (faz gestos; no sentido de que não terão esses problemas) [...] É inconsciente. [...] Eu ia falar a mesma fala dele, a família mais

pai e mãe, tudo junto, antigamente não tinha o que eles têm hoje, que é o amor, o abraço, o carinho que o pessoal tem hoje [...] No meu casamento, no meu relacionamento eles me cobravam muito [...] eu não sei conversar assim, eu não sei demonstrar isso porque eu não tive isso.[...] Não é eu não tive, somos em nove irmão e não tivemos, nós não tivemos, nós temos agora, depois de velho. [...] Da minha (família) eu só tirei a força, só, mais nada, não. Da minha mãe, principalmente. [...] Sim, de resistência porque o nosso pai nunca falou um aí pra nós, ele nunca relou a mão em nós, nove homens. Nunca relou a mão em nós. Ele relava a mão na mãe, né? Ela era agredida. [...] Ele descontava nela. Então a força dela pra levantar, não falar nada... [...] É, eu, eu vi o meu pai enforcado no banheiro de casa... (sobre alcoolismo e depressão) Tinha. Sim. Porque não tinha tratamento adequado como temos hoje, né?

H8: No mapa, primeiro eu descobri que, as minhas características, de onde vêm, que é uma herança, né? Paterna e materna muito grande, né? Somos o resultado do que nós ouvimos, do que nós vemos, do que nós assimilamos, principalmente no núcleo familiar, ali. Você falou do avô, o avô, herói de guerra, o pai, servia o exército [...] Tendo todo aquele militarismo, né? Aquela disciplina. Papai, levantávamos nós de manhã, nós tínhamos a responsabilidade e a fidelidade que o meu pai tinha com o meu avô, eu consequentemente tive com o meu pai [...] Eu percebi outra coisa nos relacionamentos, eu vi que da mesma forma que eu sou consequência do que eu vivi, do que eu senti, das emoções, do que eu assimilei, a mulher, também. Entendeu? [...] As pessoas falam que o amor é cego, né?

Para Freire (1980), “na medida em que o homem, integrado em seu contexto, reflete sobre este contexto e se compromete, constrói-se a si mesmo e chega a ser sujeito” (Freire, 1980, p. 36). As narrativas refletem mudanças profundas na percepção de si, do outro, das relações vivenciadas em família e na conjugalidade, e criam novas compreensões e possibilidades de convívio.

Tanto o papel materno quanto o papel paterno foram considerados na busca de compreensão da violência conjugal pelos participantes, o que justifica a necessidade de modelos de intervenção mais abrangentes, que incluam a história individual e familiar dos cônjuges.

É importante observar neste estudo que mulheres e homens, ao reelaborarem a história familiar e intergeracional, refletem sentimento de insegurança, de menos valia, de distanciamento afetivo e compartilham experiências em um contexto familiar violento na fase de adolescência ou mesmo no início da vida adulta, o que confirma o valor e a urgência da pesquisa com o olhar na família, como em Razera *et al.* (2021, 2022a, 2022b). Esses estudos ressaltam que modelos disfuncionais de resolução de conflitos aprendidos na infância podem se repetir na vida adulta e com isso chamam a atenção para a relação entre a violência sofrida na família de origem e a estruturação da violência na conjugalidade.

As narrativas construídas nesta pesquisa focam não só na violência entre os pais, mas também na necessidade da compreensão das relações pais-filhos, como observado por Osborne, Munasinghe e Page (2025). Em estudo realizado na realidade brasileira, Andrade, Moraes e Martins (2023), do mesmo modo, ao focar a violência conjugal prematura na adolescência, trazem a importância dos conflitos na relação entre pais e filhos e reforçam a necessidade do foco na prevenção. Nessa mesma linha, Haack, Comandulli e Falcke (2023), quando pesquisam a relação da presença do ciúme com a vivência do apego na família de origem e as agressões psicológicas entre o casal, ressaltam a urgência de intervenções precoces.

A pesquisa possibilita ver a importância da família como unidade de análise junto com a necessidade de extensão do olhar para o contexto sociocultural, como em Veríssimo *et al.* (2022) e Chaves Lemos, Falcke e Oliveira (2023). Pedrosa *et al.*

(2026) indicam a necessidade de integração entre família, escola e serviços de saúde ao relacionar a exposição à violência familiar com o sofrimento psíquico em adolescentes.

Sobre intervenções efetuadas nos serviços de saúde pública e também com grupos, como neste estudo, destaco o trabalho de Durand *et al.* (2021), que proporcionam um espaço de interação, de diálogo, de fortalecimento do vínculo com profissionais para as mulheres em situação de violência doméstica dentro da Estratégia Saúde da Família do Sistema Único de Saúde, com a realização de Círculos da Cultura, para o compartilhamento de experiências e reflexão crítica, seguindo a metodologia de Paulo Freire.

As narrativas traduzem, para homens e para mulheres, uma percepção de interligação entre todas as adversidades enfrentadas ao longo da história familiar, incluindo a falta de diálogo, doenças, falta de instrução, pobreza, mudanças de cidade e de estado, a própria violência na família, com a construção da violência conjugal. A percepção da continuidade de um padrão interacional de violência aparece significativamente em narrativas nos grupos de mulheres e no grupo de homens, sempre com considerações sobre a cultura, a época e os costumes.

No sistema conjugal, assim como no sistema familiar de origem, o amor e a violência estão presentes, naturalmente entrelaçados. A busca pela autonomia no contexto da violência doméstica revela uma luta de longa história. No processo de pesquisa, as narrativas iniciais de violência conjugal dão lugar a conexões dos participantes, com desafios na passagem da dependência para a autonomia desde a convivência com a família de origem.

As mulheres, ao refletirem sobre a pergunta “o que a situação de violência não tirou de mim?”, assim se colocaram:

M3: É bom falar para as outras pessoas, eu estou me reerguendo, estou refazendo a minha vida. Lá na frente o resultado vai ser promissor.

M4: Eu... agora até assim, aprendi a gostar mais de mim. [...] Eu amo a vida. Independente de tudo isso, eu amo a vida. A única coisa que eu acho que a vida não pode me tirar é a minha alegria.

M5: Ah, eu... eu acho que eu sempre pensei que a situação fosse... pra mim era muito claro que ele era exceção, né? Apesar de ter sido muito difícil me relacionar com outra pessoa, eu admito. Né, mas eu... não, eu achei que ele... eu não perdi a esperança nas outras pessoas. [...] Ah, não tirou o meu amor-próprio, né?

M8: É, hoje eu aprendi que eu posso dizer não. [...] É, eu amo o meu trabalho. E quanto que valeu a pena assim, mesmo o tanto esforço que eu dou, educação e a gente (família) é muito o peso do amor, do respeito e é isso que eu espero, né? [...] Mas eu sei que eu sou assim uma mãe amorosa, sou amiga de todos. Sou conciliadora, sou conselheira, né? Sou sincera.

Os homens, por sua vez, ao responderem sobre o que a vivência da situação de violência não tirou deles, disseram:

H2: Eu acho que não é impossível, nada na vida é impossível, desde que você queira e coloque em prática, não existe o impossível, eu acho assim, a palavra impossível e nunca eu acho que ela não deveria existir no dicionário, não tem.

H3: Pra mim é o jeito de ser com ela, que não mudou nada, entendeu? Apesar de que, diz ela que foi, ah, falou isso e isso, que eu não gosto de saber de nada, né? Não fiz nada, né? O meu jeito de ser com ela continua o mesmo, entendeu? Ela conversa comigo, eu converso com ela e eu falo: Ah, mas por que tudo isso? Em troca de quê? De nada. Entendeu?

H6: [...] Aí melhorei, fui pra igreja, orei pro meu pai, jamais pensei em fazer... e tirei um pouco o... a carga que ele carregou dessa de se enforcar, de bater na minha mãe e... um pouco, não, tudo, né? [...] É a integridade.

H7: Eu acho que o meu maior problema é de colocar sempre o trabalho em primeiro lugar. Porque o que que acontece, o que que eu vejo assim, e... a fonte de renda, por exemplo, assim, eu penso no trabalho porque é a única coisa que eu sei fazer assim é trabalhar pra ter, eu não consigo ver tendo outra coisa assim [...].

Retomo Freire (1980) quando fala nos homens como “seres em situação”, que se encontram submersos em condições espaçotemporais pelas quais são influenciados e que, ao mesmo tempo, eles influenciam. Concordo com o autor quando enfatiza que o homem, “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la.” (Freire, 1980, p.33-35). Nesse mesmo sentido, Morin (2023), reforçando as ideias de Koestler, afirma que “[...] ser sujeito consiste em se situar/afirmar no centro do próprio mundo... [...] Cabendo acrescentar que ser sujeito é também a aptidão de participar de um nós, um coletivo, uma comunidade” (Morin, 2023, p. 55).

Mulheres e homens expressaram que a reaproximação com a história da família contribuiu para o autoconhecimento, para a reafirmação da sua identidade, do próprio valor e do valor da família, além de possibilitar a abertura para novos significados para a vivência da violência conjugal.

A reflexão sobre a história de família em grupo permite, portanto, como valorizado por Capra (2022) e Morin (2023), o equilíbrio dinâmico da vivência da tendência autoafirmativa e da tendência integrativa, o que possibilita uma mudança da “competição para a cooperação, da expansão para a conservação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria” (Capra, 2022, p. 363).

Almeida e Freitas (2015) reconhecem, como Freire (1980) e Morin (2011), “o desenvolvimento do pensamento crítico como base para um novo espírito científico, fundado na complexidade [...]” (Almeida; Freitas, 2015, p. 258), a partir do qual, em uma relação de horizontalidade, o conhecimento é construído em conjunto, em torno de situações-problema. Concordo com os autores quando consideram que, a partir dessa visão, “A produção científica se baseia na perspectiva da ‘ciência que se faz’, estreitamente associada às demandas sociais emergentes” (Almeida; Freitas, 2015, p. 259).

O conhecimento científico aqui alcançado é construção social, com participantes e pesquisadora envolvidos, tendo a intersubjetividade de sujeitos como base para a compreensão do fenômeno da violência doméstica. O acolhimento por outras mulheres e/ou homens com experiências similares permitiu ampliar o entendimento dessa situação e de sua relação com a história familiar e intergeracional.

Da metodologia empregada resultou a “proposta para o resgate da história e das forças da família com mulheres e homens em situação de violência doméstica” como forma de intervenção a ser utilizada na rede pública. Essa proposta engloba as dimensões individual, familiar e social, tendo partido da experiência com os grupos de Terapia Comunitária, de 2012 a 2016, realizados pela autora no Centro de Referência e Atendimento à Mulher em Situação de Violência Doméstica de Curitiba/PR, unidade da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social, que iniciavam com a história e significado dos nomes. A esse processo incorporei, além da percepção sobre a situação de violência doméstica, as experiências familiares e intergeracionais, e a construção de conhecimento em grupo com iguais. No Quadro 1, trago “a proposta

para o resgate da história e das forças da família com mulheres e homens em situação de violência doméstica”.

Quadro 1 – Proposta para o resgate da história e das forças da família com mulheres e homens em situação de violência doméstica

Dimensões	Temas	Temas específicos
Individual Encontros individuais	Identidade	Nome
		História e significado do nome
		História escolar e profissional
	Momento de vida no ciclo vital	Situação atual de violência doméstica
		Tipificação da violência
Familiar e intergeracional Encontros individuais para a construção do duplo genograma do ex-casal	Pais	Histórico familiar de violência
		Adversidades enfrentadas
		Recursos utilizados
	Avós	Histórico familiar de violência
		Adversidades enfrentadas
		Recursos utilizados
	Família atual constituída	Histórico familiar de violência
		Adversidades enfrentadas
		Recursos utilizados
Individual, familiar e comunitária Encontros em grupo com iguais, grupo de homens e grupo de mulheres, para o compartilhamento de experiências e para a construção coletiva de conhecimento	Percepção sobre o processo de construção e saída da situação de violência	Experiências familiares envolvidas na violência / forças familiares mobilizadoras para a saída da situação
		Forças mobilizadoras para o resgate da identidade: o que a vivência da situação de violência não tirou de mim?
	Percepção sobre si mesmo, sobre a relação com o outro e com a comunidade	Significado dos encontros
		Recursos mobilizados nos encontros
		Mudanças estendidas para a vida

Fonte: Holzmann, 2018.

Considerações finais

Em uma realidade brasileira de demanda cada vez mais alta, o estudo se inspira no principal desafio da rede pública de atenção, que considero ser o de aproximação entre o saber científico, o saber social e o saber institucional, com o objetivo de ofertar atendimento de qualidade e de atenção para a saída efetiva da situação de violência doméstica, mantendo a sensibilidade frente ao contexto sociocultural e às preocupações de mulheres e homens envolvidos, de seus familiares e da comunidade.

O projeto de pesquisa nasceu de atuação psicológica no atendimento às usuárias do Centro de Referência e Atendimento à Mulher em Situação de Violência Doméstica de Curitiba, da experiência no atendimento individual e da realização de grupos de Terapia Comunitária de 2012 ao início de 2016. A participação nos grupos reflexivos para autores de violência do Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, nesse mesmo período, reforçou a necessidade de estender o foco para as gerações anteriores, buscando as crenças, os valores, os padrões interacionais familiares, o entendimento do mundo que sustenta a conjugalidade violenta.

O objetivo principal foi investigar de que forma a perspectiva familiar e intergeracional contribui para a compreensão e ressignificação da situação de violência doméstica. A realização do projeto de pesquisa com oito ex-casais atendidos pela rede pública permitiu, em uma sequência de cinco encontros individuais e de

grupo, a reelaboração da história da família e a construção de conhecimento sobre o tema a partir do compartilhamento das experiências individuais, facilitado pelo acolhimento por outras mulheres e/ou homens, em uma rede social significativa, constituindo uma forma de intervenção breve.

A “proposta para o resgate da história e das forças da família para mulheres e homens em situação de violência doméstica” revela uma construção conjunta, traduzindo-se como um resultado metodológico do estudo. A relevância social da pesquisa está no aprofundamento da compreensão sobre o fenômeno da violência doméstica, com possibilidade de fornecer estratégias para fortalecer os vínculos dos usuários com a rede pública. Seus resultados podem auxiliar na indicação de caminhos para a conscientização e compartilhamento de responsabilidades, base para a saída efetiva e diminuição da reincidência no que se refere à violência doméstica.

Todas essas narrativas resultaram num *corpus* riquíssimo. Apresento uma leitura, entre outras tantas possíveis, com a intenção de valorizar a experiência de vida dos envolvidos e construir conhecimento sobre o tema. A ampliação do estudo com um número maior de usuários da rede pública e em diferentes contextos pode aprofundar o conhecimento obtido a partir da dimensão social e embasar a elaboração de estratégias de atendimento para mulheres e homens em situação de violência doméstica.

Referências

ALMEIDA, Marcus Garcia de; FREITAS, Maria do Carmo Duarte. **Desafios permanentes**: projeto político pedagógico, gestão escolar, métricas no contexto das TICs. Rio de Janeiro: Brasport, 2015.

ANDRADE, Thaís Afonso; MORAES, Priscilla Machado; MARTINS, Camila Vieira. Violência no namoro entre adolescentes: transmissão intergeracional e gênero. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 15, n. 1, p. e1582194, 2023. DOI: 10.20435/pssa.v15i1.2194. Disponível em: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/2194>. Acesso em: 17 jul. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, Martin Wolfgang; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres / Presidência da República, 2006.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Tradução de: EICHEMBERG, N. R. São Paulo: Cultrix, 1998.

CAPRA, Fritjof. **Padrões de conexão**: uma introdução concisa das ideias essenciais de um dos mais importantes pensadores sistêmicos do mundo contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 2022

CARMO, Emilly Santos da Silva et al. Impactos psicológicos do término de um relacionamento amoroso em indivíduos do sexo feminino. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 6, n. 2, p. 55–64, 2022. DOI: 10.47236/2594-7036.2022.v6.i2.55-64p.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Livro Pleno, 2011a.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.). **Intergeracionalidade**: heranças na produção de conhecimento. São Paulo: Roca, 2011b.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **O livro do genograma**. São Paulo: Roca, 2014.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família**: novos retratos em novas molduras. Curitiba: CRV, 2024.

CHAVES LEMOS, Dayse da Silva; FALCKE, Denise; LIMA DE OLIVEIRA, Eduarda. Ciúme, violência conjugal e saúde mental: prevalência e fatores associados. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 25, n. 2, e1921, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v25-n2-chaves-falcke-oliveira>. Acesso em: 10 jun. 2026.

CRESWELL, John Ward. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2014.

DA SILVA, Cristiana Ribeiro; PIRES, Rosely Silva; DOS SANTOS FREITAS, Layla. Violência doméstica e familiar contra mulheres no Brasil: desafios estruturais e perspectiva de enfrentamento. **Revista de Geopolítica**, v. 17, n. 2, p. e1646, 2026. Disponível em: <https://revistageo.com.br/revgeo/article/view/1646>. Acesso em: 14 jul. 2026.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURAND, Michelle Kuntz *et al.* Autonomia das mulheres frente a situações de violência. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, e5410413746, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/13746>. Acesso em: 16 jul. 2026. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13746>.

FANSLOW, Janet L. *et al.* Evidence of gender asymmetry in intimate partner violence experience at the population-level. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 38, n. 15-16, p. 9159-9188, 2023. DOI: 10.1177/08862605231163646. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605231163646>. Acesso em: 16 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues *et al.* Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n.

7, e4019, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i7.4019>. Acesso em: 30 maio 2026.

HAACK, Karla Rafaela; COMANDULLI, Brenda Thamires; FALCKE, Denise. Attachment, jealousy, and conjugal violence. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 39, e39413, p. 1-11, 2023. DOI: 10.1590/0102.3772e39413.en. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39413.en>. Acesso em: 16 jun. 2026.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Los narcisos han tomado el poder**. [E-book]. Editor Digital Titivillus, 2020.

HOLZMANN, Eneida Regina Fabian. **O processo de construção do conhecimento sobre a situação de violência doméstica na perspectiva familiar e intergeracional a partir das narrativas de mulheres e de seus (ex-)parceiros**. 2018. 261 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2024**. Em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 10 maio 2026.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2025**. Em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Ipea; FBSP, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>. Acesso em: 12 maio 2026.

KOESTLER, Arthur. **Jano: uma sinopse**. Tradução de N. Deola, A. Deola. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

MATURANA, Humberto Romesín; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU: 25% das mulheres a partir de 15 anos são vítimas da violência de gênero**. ONU News, 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/03/1743912>. Acesso em: 14 jun. 2026.

OSBORNE, Kiara-lee; MUNASINGHE, Sithum; PAGE, Andrew. The intergenerational transmission of emotional intimate partner violence: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Family Violence**, 2025. DOI: 10.1007/s10896-

025-00871-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10896-025-00871-8>. Acesso em: 16 jun. 2026.

PEDROSO, Márcia Regina de Oliveira et al. Ansiedade, depressão e estresse entre adolescentes de um município do interior da Bahia: cenário pós-Covid-19. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, e2023, p. 1-26, 2026. DOI: <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2023>. Disponível em: <https://sitionovo.iftto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2023>. Acesso em: 16 jul. 2026.

RAZERA, Josiane et al. Experiências na família de origem e violência conjugal: análise do modelo diádico. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 31, e3122, p. 1-11, 2021. Disponível em: https://revistas.usp.br/paideia/pt_BR/article/view/198257. Acesso em: 11 jun. 2026.

RAZERA, Josiane et al. Família de origem e conjugalidade: considerações sobre a direcionalidade da violência. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 30-43, jan./jun. 2022a. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100004. Acesso em: 10 jun. 2026.

RAZERA, Josiane et al. Direcionalidade da violência em casais heterossexuais. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 27, n. 3, p. 527-538, jul./set. 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712031270310>. Acesso em: 12 jun. 2026.

TROMBETTA, Tommaso et al. Violence in the family of origin, mentalization, and intimate partner violence perpetration. **Partner Abuse**, v. 15, n. 3, p. 315-336, 2024. DOI: 10.1891/pa-2023-0039. Disponível em: <https://doi.org/10.1891/pa-2023-0039>. Acesso em: 16 jun. 2026.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **O pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. O uso de perguntas como recurso para desencadear mudanças sistêmicas: articulando múltiplos rótulos utilizados para diferentes formas de perguntas. In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves de; COELHO, Sônia Vieira. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais**: Vol. III. Desenvolvendo práticas com a metodologia de atendimento sistêmico. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2010. p. 91-122.

VERÍSSIMO, Ana Virginia Rodrigues et al. Prevalence and factors associated with dating violence among public school adolescents. **Revista Gaúcha Enfermagem**, 43, e20210170, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2022.20210170>. Acesso em: 16 jun. 2026.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don DeAvila. **Pragmática da comunicação humana**: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 1973.

Informações complementares

Descrição		Declaração
Financiamento		Não se aplica.
Aprovação ética		Parecer nº 1.842.770 PUC/SP, em 29.11.2016.
Conflito de interesses		Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes		Este trabalho não é um <i>preprint</i> e os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão disponíveis neste artigo e na tese disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21700 .
Uso de Inteligência Artificial		Não há.
CrediT	Eneida Regina Fabian Holzmann	Funções: conceitualização, análise formal, investigação, metodologia e escrita, rascunho original, validação dos resultados.
	Ceneide Maria de Oliveira Cervený	Funções: orientação, conceitualização, análise formal, validação dos resultados, validação da escrita.
	Maria do Carmo Duarte Freitas	Funções: supervisão, análise formal, curadoria de dados, atualização, validação da escrita.

Avaliadores: Os avaliadores optaram pela avaliação fechada e pelo anonimato.

Revisora do texto em português: Denise Mohr*.

Revisora do texto em inglês: Denise Mohr*.

Revisora do texto em espanhol: Denise Mohr*.

Como citar (ABNT):

HOLZMANN, Eneida Regina Fabian; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; FREITAS, Maria do Carmo Duarte. Violência doméstica e intergeracionalidade: um estudo com mulheres e homens atendidos na rede pública de Curitiba. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e2367, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.2367. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2367>.

* Conforme informado pelos autores e comprovado pelos documentos anexados ao sistema.